

O MUNDO NATURAL NOS MUSEUS: EXPOSIÇÕES EM MUSEUS DE HISTÓRIA NATURAL COMO REPRESENTAÇÃO CULTURAL

Mauricio Candido da Silva

maumal@usp.br

Os museus de história natural abrigam as maiores coleções científicas e suas exposições figuram entre as mais visitadas. A análise de cunho histórico sobre a constituição destes espaços e da representação do mundo natural em suas exposições visa contribuir para o debate e compreensão do sistema de comunicação estabelecido por essas instituições desde o século XIX até os dias atuais. A presente comunicação tem o objetivo de apresentar o resultado de estudos desses museus e sua influência na constituição moderna do mundo natural na busca do maravilhamento de seus visitantes.

Palavras chaves: Exposições Museológicas, Museus de Ciências Naturais, Natureza.

APRESENTAÇÃO

Há décadas as exposições nos museus de história natural atraem milhares de visitantes. Em 2012, dentre os dez museus mais visitados no mundo, três são de história natural: Museu de História Natural de Nova York, Museu Nacional de História Natural dos Estados Unidos e o Museu de História Natural de Londres, com 7.4, 5.8 e 4.9 milhões de visitantes, respectivamente (DE GRUYTER SAUR, 2012). Cabe destacar que a maior concentração de acervo museológico está no Museu Nacional de História Natural dos EUA (Smithsonian Institution), com 125 milhões de bens culturais. No Brasil, no que diz respeito aos números de visitantes, cabe destaque ao Museu Nacional e ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Com cerca de 20 milhões de itens cadastrados, o Museu Nacional é um relevo no cenário nacional. Vale mencionar que das 3.025 instituições cadastradas pelo IBRAM em 2011, 422 (14%) delas preservam coleções naturais, sem considerar aquários, jardins botânicos zoológicos e grande parte das unidades de conservação (IBRAM, 2011). São números expressivos que estimularam o desenvolvimento da presente comunicação.

Nos interstícios destes dados numéricos existe uma prática museológica com histórico consistente. Com programas de comunicação consolidados, muitos dos museus dessa tipologia possuem publicações de ampla circulação, inumeráveis coleções sistematizadas em décadas de trabalho de coletas, registros, pesquisas e permutas. São verdadeiros tesouros que testemunham os vestígios da história da preciosa, frágil e ameaçada biodiversidade do nosso planeta. Esses museus são acolhidos por patrimônios arquitetônicos, referenciais urbanos, com destacado valor histórico. Como locais de conhecimento, poder e conflito (FORGAN, 2005), alguns desses museus abrigam exposições de grade interesse pedagógico, reconhecidos pela demanda de programas de ensino, lazer e também de laços familiares (BIZERRA, 2009).

Com o objetivo de estudar aspectos da representação cultural do mundo natural por meio

das exposições em museus de história natural, o presente trabalho busca apresentar o conceito de **Musealização da Natureza** (SILVA, 2013), baseado na reflexão dos aspectos da comunicação museológica nesse tipo de museu, sua historicidade, seu discurso científico e sua narrativa expográfica, apresentando em seus sistemas comunicacionais uma natureza compartimentada, classificada e reconhecida: o mundo natural culturalizado. Objetiva-se assim contribuir para o debate em torno dos processos museológicos historicamente constituídos.

DO CAMPO PARA A CIDADE: PRESERVAÇÃO DE UM MUNDO EM DESAPARECIMENTO.

Os conceitos de mundo natural aqui adotados estão baseados na bibliografia que enfatiza a historicidade desses conceitos, sendo fundamentais para isso as referências aos seguintes autores: Alain CORBIN, Antônio Carlos Sant’Ana DIEGUES, Thomas KESSELRING, Simon Michael SCHAMA e, principalmente, Keith THOMAS. Por sua vez, adotamos a visão de Eric HOBBSBAWM sobre as Revoluções Industrial e Francesa e a reverberação de seus impactos históricos.

Sob a influência da industrialização, os processos modernos de produção econômica transformaram definitivamente a relação do homem com o mundo natural. Enquanto as altas taxas demográficas inflaram as cidades emergentes, os campos sofreram profundas transformações em consequência do novo sistema econômico. Nesse contexto emergiu uma nova relação humana com a natureza.

Esse decurso gerou nos expropriados o desenraizamento, o sentimento de saudade, a perda da identidade e, principalmente, para a presente análise, a desvinculação humana do campo. As Revoluções também criaram um dos movimentos que mais se identificou com a era dos *museus* (STURTEVANT, 1985): o Romantismo. Inicialmente apenas uma atitude, o Romantismo toma mais tarde a forma de um movimento, e o *espírito romântico* passa a designar toda uma visão de mundo centrada na identidade do indivíduo (SALIBA, 1991). A busca pelo inóspito é outra característica fundamental. Exalta-se as sensações extremas e a natureza em seu aspecto mais bruto. Descortina-se ao indivíduo novas paisagens e a ideia de panorama: no mar, nas falésias, nas montanhas, nos penhascos, nas cavernas e nos pequenos vilarejos. O poder avassalador da natureza é realçado e cria-se o prazer pela viagem ao encontro dos ‘riscos desejados’, de um mundo natural idealizado.

O sentimento de perda enfatizado pelos românticos pode ser aferido por meio do *Mito da Arcadia Campestre*, descrito por Raymond Williams (2011, p.129) como uma forma de manifestação de escritores britânicos ao narrarem os impactos da industrialização na vida das pessoas. É no século XIX que o Romantismo torna-se mais combativo, quando a expressão “Dark Satanic Mills” (*Moinhos Satânicos*) entrou no idioma Inglês, em 1808, a partir do poema de William Blake (1757 – 1827). Refere-se ao início da Revolução Industrial e sua destruição da natureza e das relações humanas. São passos contrários ao pensamento clássico e antropocêntrico que afirmava que a natureza está

a serviço do homem, de um mundo natural de riqueza infinita.

Associados ao pensamento romântico, a visão científica teve papel determinante na institucionalização das práticas preservacionistas e instrutivas de um mundo natural em transformação, em constante evolução e em extinção.

MUSEUS MODERNOS, CIENTIFICAMENTE ORGANIZADOS

Papel fundamental nesse processo histórico tiveram as sociedades para o progresso da ciência, tornando os museus de história natural como verdadeiros repositórios do conhecimento para pesquisa e educação. Essas sociedades foram fundamentais na transição dos gabinetes de curiosidade para a formação dos museus modernos.

A afirmação da finitude dos recursos naturais ressaltada pelos cientistas embasou as justificativas para criação das primeiras Reservas Naturais, cabendo destaque ao Parque Nacional de Yellowstone, criado oficialmente em 1872, visando preservar um mundo em desaparecimento e como área de benefício e desfrute das populações urbanas (DIEGUES, 2004). Embora esse não tenha sido o argumento para a criação dos museus de história natural, mas sim a importância do progresso científico para o desenvolvimento da nação (GIROURD, 1981), a conservação da natureza, assim como a origem, evolução e extinção das espécies, foram temas que se tornaram presentes nos programas desses museus.

Além dos românticos, a observação do mundo natural, sob o impacto transformador do tempo e em risco de desaparecimento, foi percebida com afincamento pelos naturalistas em suas viagens científicas. Como resultado, laboratórios de física, de história natural e de química se multiplicam. Tendência estimulada pelo empreendimento pedagógico, lançado a partir de 1750, pelas mais importantes sociedades científicas. É nesse ambiente que surgem um grande museu de história natural.

Em 1753 o parlamento inglês adquiriu as coleções e biblioteca do médico da família real, Sir Hans Sloane (1660 – 1753). O Museu Britânico foi oficialmente fundado, tornando-se modelo para o ocidente. Anos depois, a ordenação científica passou a ser determinada pelas orientações de *Systema naturæ* (1758), obra em que Carl von Linné (1707 – 1778) delineou a classificação das espécies.

O experimentalismo tornou-se essencial para o desenvolvimento das ciências naturais modernas. A sua influência abrangeu o empirismo, como os usos e virtudes das plantas: medicina, culinária e manufatura. O Jardim Real das Plantas Medicinais surgiu como importante modelo, tornando-se paradigmático a partir da sua renovação, ocorrida em 1794, na forma de Museu Nacional de História Natural de Paris, logo após a Revolução Francesa.

É a partir desses marcos que Alma Stephanie Wittlin identifica o surgimento dos *museus públicos* (WITTLIN, 1949), modernos e cientificamente organizados.

Um importante passo na redefinição desses museus foi dado com a publicação da “Origem

das Espécies” (1859), na qual Charles Darwin estabeleceu que os laços de parentesco são definidos através de relações históricas entre os organismos. Esse paradigma científico (KUHN, 2009) redefiniu os princípios que orientam os museus: evolução, biodiversidade, extinções, transformações dos ambientes e preservação do mundo natural. Os exemplares passaram a representar os seres dentro de uma relação de parentesco desenvolvida ao longo do tempo, a partir da noção de *hereditariedade* e de *seleção natural*.

MUSEALIZAÇÃO DA NATUREZA

Partindo do princípio de que o museu moderno estabeleceu um sistema museológico de trabalho, estruturado na formação de coleções, conservação, pesquisa, documentação e comunicação visando o progresso da ciência, o entretenimento e instrução pública, é possível enunciar que este processo se concretiza no *fato museal* (GUARNIERI, 1990), síntese da musealização.



Charles Willson Peale. O artista em seu museu. 1822. Fonte: Maryland Historical Society.

O artista segura a cortina para que o cenário museal possa ser visto. Com 81 anos, C. W. Peale aqui conduz a dramatização do mundo natural.

Em “Museum History and Museums of History”, publicado em 1888 na American Historical Association, George Brown Goode (1851 – 1896), um dos grandes pioneiros da museologia, afirmou que a abordagem analítica na exposição, com suas séries cronológicas ou geográficas, poderia satisfazer o estudante do objeto exposto, mas dificilmente o público em geral estava à mercê da esmagadoramente grande quantidade de exemplares, monotonamente apresentados e insuficientemente identificados. A partir daí, dois grandes modos diferentes se instalaram nas práticas museais e na definição da arquitetura de museus, primeiramente no modo de organizar as coleções e, conseqüentemente, na narrativa expositiva.

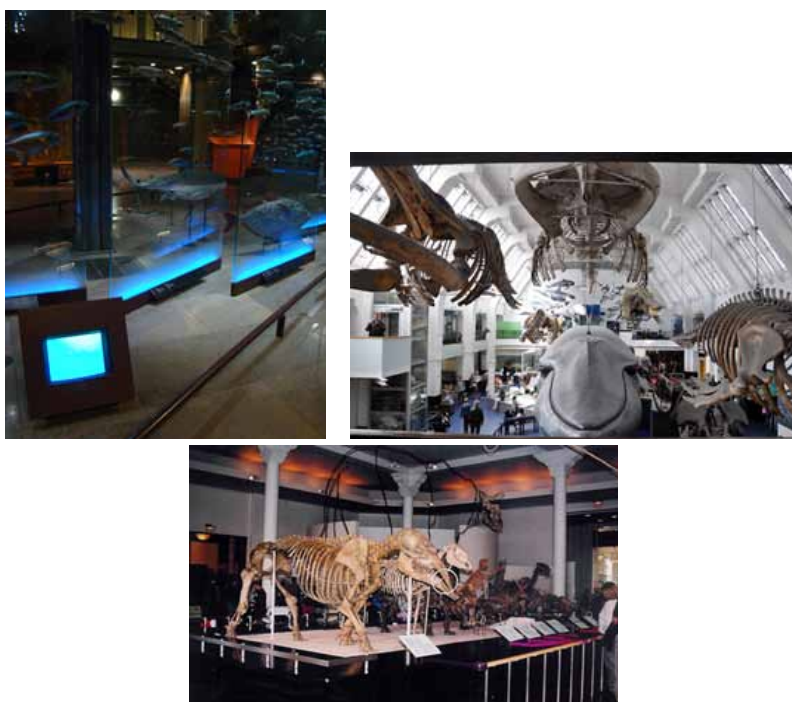
No final do século XIX, o Museu Nacional de História Natural dos EUA aperfeiçoou o uso de moldes de plástico para produzir réplicas de esqueletos fósseis, tornando-os mais compreensíveis, permitindo a reconstrução de partes faltantes de esqueletos, ou mesmo para preencher as lacunas nas séries de espécies. Paralelamente, o Museu Americano de História Natural estabeleceu uma notável reputação por retratar grupos de animais em seus ambientes naturais, conhecidos como dioramas, técnica teatral adaptada para as narrativas expositivas. De acordo com Susan Sheets-Pyenson (1988, p. 09), esse método de exibição contextual, iniciado com pássaros e mamíferos, logo foi estendido para peixes, invertebrados, fósseis e finalmente para plantas.

A Grande Galeria da Evolução do Museu Nacional de História Natural de Paris foi aberta originalmente em 1889 como Galeria de Zoologia. Danificada durante a II Guerra e fechada em 1965, foi reaberta em 1994 com uma exposição de longa duração sob o tema da evolução. Nela não há legendas explicativas nas vitrinas do saguão de entrada (ambiente marinho), com informações de cada espécie. Elas estão nos bancos de descanso. Um grande cenário remete o visitante à atmosfera de uma imersão num grande oceano, causada, principalmente, pelo efeito da iluminação: parece que estamos num ambiente natural. No próximo piso (ambiente terrestre) temos uma manada de grandes animais, denominada ‘imigração de mamíferos’ (êxodo), onde parece que estamos numa grande savana – ou talvez se dirigindo à arca de Noé. Os espaços são conectados entre si, sem divisórias, proporcionando múltiplas perspectivas de cada espécie. Ao lado do êxodo dos mamíferos, há uma apresentação com diferentes animais taxidermizados: pássaros, lêmures, preguiças etc. Em uma montagem, por trás de um imenso pano de vidro, contendo um gráfico dos nichos ecológicos, temos lagartos, borboletas e diferentes insetos. Trata-se de um parâmetro ecológico de organização, ao invés de similaridades morfológicas. Eles estão integrados ao invés de separados por grupos.

Em 1996 o Museu Americano de História Natural de Nova York inaugurou a exposição “Origem dos Vertebrados”. Esta exposição é propagada como ‘a mundialmente mais compreensível mostra de vertebrados fósseis’. Abrange um amplo circuito expositivo que inclui o salão dos dinossauros e o salão dos mamíferos. O espaço expositivo e a estética são bem diferentes da Grande Galeria francesa. O espaço foi organizado pelos curadores dentro de uma nítida geometria de caminhos ramificados. A organização espacial e o posicionamento das espécies incorporam uma específica teoria da taxonomia chamada cladística. Esse museu foi pioneiro na retórica deste discurso museológico. Enquanto o visitante se move através da exposição, lentamente começa a perceber que ela não é parecida com as usuais exposições de evolução. A maior parte das mostras sobre evolução são organizadas como um percurso linear, através do tempo. Mas nesse museu o primeiro passo no percurso, muito antes mesmo de chegar ao extinto pterodactilo, contam tubarões contemporâneos, demonstrando que espécies de tempos diferentes convivem natural-

mente.

Talvez menos obvio, mas em um entrelaçamento mais complexo da identidade nacional, teoria científica e práticas museológicas, pode ser extraído da comparação entre o Museu Nacional de História Natural de Paris e o Museu de História Natural de Londres. Na exposição ‘Origem das Espécies’, do Museu de História Natural de Londres, Darwin é o objeto central, irradiando toda a exposição – enquanto Paris tenta escondê-lo. A narrativa expositiva reflete uma longa batalha sobre o que constitui o mecanismo de transformação, seleção natural e mutação. Não são apresentados os pensadores anteriores a Darwin. De acordo com S. Asma, isso ocorre porque para os franceses não há uma ‘Revolução Darwinista’, como há na Inglaterra, Alemanha e América (ASMA, 2001). Os franceses não aceitam a ideia de que o interior de cada organismo está a mercê dos caprichos das forças externas (*seleção natural*). De acordo com a exposição da ‘Grande Galeria’, evolução é na verdade uma ideia francesa, elaborada por Buffon, J. B. Lamarck e G Cuvier, para a qual Darwin contribuiu com um par de conceitos interessantes, dando continuidade à tradição francesa.



Aspectos das exposições dos Museus de História Natural de Paris, Londres e Nova York.

Fotos: Maurício Candido da Silva

Ao compararmos as atuais exposições dos Museus de História Natural de Paris, Nova York e Londres, podemos afirmar que embora a forma de abordagem seja distinta, os temas apresentados são os mesmos.

CONCLUSÃO

É o ato da seleção que transforma uma parte da natureza em um objeto de museu. Susan M. Pearce (1994, p. 09) desenvolve com maior profundidade essa ideia:

[...] os fragmentos do mundo físico, no qual o valor cultural está inscrito, incluem não meramente aqueles fragmentos pequenos capazes de serem movidos de um lugar para outro, o que comumente queremos dizer quando nós dizemos ‘coisa’ ou ‘artefato’, mas também o amplo mundo físico da paisagem com todas as estruturas sociais que ele carrega, animais e espécimes de plantas que têm sido afetados pela espécie humana, a preparação de alimentos na qual os animais e as plantas transformam-se e também a manipulação da carne e do ar que produz sons e falas.

Os exemplares que compõem as coleções dos acervos dos museus de história natural se constituem como cultura material porque, por meio da seleção, salvaguarda, pesquisa e comunicação foram transformados em uma parte do mundo dos valores humanos, uma parte na qual o naturalista, o leitor das publicações ou o visitante das exposições destes museus deseja incorporar ao seu sistema pessoal de valor.

Ao longo destes anos de pesquisa, ligada ao estudo dos discursos expositivos dos museus de história natural, em diferentes regiões, foi possível identificar cinco grandes temas expositivos recorrentes: 1) Origem da vida; 2) Classificação natural; 3) Evolução das espécies; 4) Biodiversidade; 5) Extinções – sendo este último tema ligado à importância da preservação do mundo natural. Temas que continuam demandando coleções, pesquisas e exposições que atraem milhares de visitantes em busca de maravilhamento pelo mundo natural.



W. Hornaday, diorama intitulado “batalha nas copas das árvores”.

Fonte . Museu de História Natural do Instituto Smithsonian.

Em 1883, William Temple Hornaday (1854 – 1937) construiu uma das primeiras exposições em vida natural para o Museu Nacional de História Natural dos EUA. A exposição, chamada

“batalha nas copas das árvores”, apresentava dois orangotangos machos em uma luta territorial. O objetivo do diorama se consolida como a representação do cotidiano da vida animal, por meio da institucionalização do análogo de paisagem e natureza, dos homens criando o seu próprio mundo natural, da transposição das áreas (des)protegidas para o interior da arquitetura de museus.

Por meio dos dioramas, o cenário museal preenche o seu sentido semântico: o sentido de totalidade, como se os fenômenos visuais fossem capturados e tornados presentes sem a intervenção do autor humano. Conforme aponta Michel Foucault (2007, p. 95) “é preciso que haja, nas coisas representadas, o murmúrio insistente da semelhança; é preciso que haja, na representação, o recôndito sempre possível da imaginação”. A compreensão dos dioramas como paisagens do mundo natural pressupõe que o cenário museal não é uma metáfora para a natureza, uma maneira de evocá-la; ela é de fato a natureza culturalizada na modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASMA, Stephen T. *Stuffed Animals and pickled Heads: the culture and evolution of Natural History Museum*. New York: Oxford University express. 2001.
- BIZERRA, Alessandra. *Atividade de aprendizagem em museus de ciências*. 2009. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Ensino de Ciências e Matemática) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DE GRUYTER SAUR, *Museums of the world*, 19th Edition, Germany, 2012.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant’Ana *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec; Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras, USP, 2004.
- FORGAN, Sophie. *Building the Museum: Knowledge, Conflict, and the Power of Place*. In: Isis, 96, 2005. p. 572 – 585.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail, 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GIROURD, Mark. *Alfred Waterhouse and the Natural History Museum*. London: Natural History Museum Publications. 1981.
- GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. *Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação*. Cadernos Museológicos. Rio de Janeiro: IBPC, 1990 p.7-11.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Panchel, 7ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Stiedel de To-

ledo, 11ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Guia dos museus brasileiros. Brasília: IBRAM, 2011.

KESSELRING, Thomas O conceito de natureza no pensamento ocidental. In: Episteme. Porto Alegre, nº 11, jul/dez 2000. p153 – 179.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PEARCE, Susan. Museum objects. In: Pearce, S. (orgs) Interpreting objects and collections. London: Routledge, 1994. p. 9-11.

SALIBA, Elias Thomé. As utopias românticas. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SCHAMA, Simon Michael Paisagem e memória. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SHEETS-PYENSON, Susan. Cathedrals of science: the development of colonial natural history museums during the late nineteenth-century. Kingston Mcgrill-Queen's University Press, 1988.

SILVA, Maurício Candido da Musealização da natureza: exposições de história natural como representação cultural. 2013. 377 f. Tese (Doutorado – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

STURTEVANT, W. Museums as antropological data banks. In: STOCKING JR., George (org) History of Antropology, v. 3. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1985.

THOMAS, Keith. O homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800; Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade: na história e na literatura; Tradução Paulo Henrique Brito. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, Companhia de Bolso, 2011.

WITTLIN, Alma Stephanie. The museum its history and its tasks in education. London: Routledge & K. Paul, 1949.

